

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular (6.º)

Class.: Semana do Índio

Data: 18 de abril de 1982

Pg.: 61

## 190 RÉQUIEM AO CREPÚSCULO DE UMA RAÇA

Álvaro Catelan

**M**AIS uma vez a estória se repete. Todos tivemos a oportunidade de ver, durante a semana que passou, as crianças na idade escolar, voltar para casa, fantasiadas de índio. Quem ainda não observou, poderá fazê-lo amanhã, uma vez que é nesta segunda-feira, 19 de abril, que se comemora em todo o Brasil, O Dia do Índio.

Incautas, felizes e sorridentes, nossas crianças desfilarão pelos pátios das escolas públicas, e particulares, exibindo sua estilizada fantasia de índio. Tantas as menores, como as maiores, souberam apenas, que tal comemoração era para homenagear uma raça selvagem, que habitava o Brasil, na época do Descobrimento, e nada mais.

Certamente, a professora, na melhor das intenções, falou rapidamente, a respeito da soberania, e da bravura da raça, citando-a como exemplo de coragem e heroísmo.

E foi com essa imagem, transmitida pela professora, que mais uma vez, a estória desse povo, chegou até nossos indefesos alunos. Donde se conclui, que mais uma vez, a verdade, foi escondida e traída, portanto, deixando nossas crianças, mais uma vez confiantes, que a realidade do índio, hoje, continua como dantes, total liberdade muito espaço gerando caça e pesca abundantes.

Menos por omissão das mestras, e mais por imposição de uma estrutura política, outra vez, a verdade foi camuflada, falseada, e logicamente, chegando distorcida diante de nossas crianças, que por várias horas, tiveram inveja dos nossos heróis selvagens, pois o modelo que lhes chega é sempre o alencariano, através de Peri, Iracema, Ubirajara e tantos outros heróis românticos.

Infelizmente, não souberam, nossas crianças, da falência que domina, hoje, toda a raça, que se espalha parcamente por todo o território brasileiro, como eu mesmo, pude ver no interior do Paraná, e de Goiás através de um triste espetáculo, onde se misturavam adultos doentes, e crianças famintos.

Não souberam também, nossas crianças, que o Serviço de Proteção ao Índio, criado em 1904, por um intelectual alemão, Von Ihering, na época Diretor do Museu Paulista, gerou quando de sua criação, uma crise tão violenta, dentro de nossos meios políticos, que o posicionamento do velho alemão acabou sendo tomada como um atentado contra a soberania nacional.

Tal comportamento irreverente, nascido por parte do sistema político-social, da época, serve para nos mostrar, que já naqueles tempos, como hoje, o índio era um marginalizado dentro de sua própria terra. Outro reflexo da condição alijada em que vivia nosso índio, foi a necessidade da criação de outro órgão de apoio, a FUNAI, cuja principal finalidade era manter o indígena ligado as suas raízes, ao mundo original.

Certamente, não ficaram sabendo, nossas crianças, que todas as iniciativas em favor do índio, de nada valeram, porque acabaram caindo no desastroso vazio formal, inútil e burocrático, portanto, muito



além daquilo que pretendiam Von Lhering, Rondon, os Irmãos Villas-Boas, Darcy Ribeiro, e tantos outros sertanistas, e antropólogos, que sonharam, e lutaram, para ver um dia o índio sendo tratado como índio. Onde deveria ser respeitados os seus costumes, sua religião, sua cultura e sua língua, tudo natural e sem os entraves do artificialismo abominável.

O que foi sonho um dia, transformou-se hoje em desilusões e amarguras, em promessas e decepções. As áreas indígenas foram invadidas por barragens hidrelétricas, Rodovias, grileiros organizados, e por todo tipo de ganância gerada pelas civilizações modernas.

Antropólogos e sertanistas foram substituídos por sargentos e coronéis, e o que antes era Ciência, virou hoje, autoritarismo e desrespeito à raça primeira do Brasil.

O que era antes vivência, convívio e experiência através da pesquisa séria e metodizada, transformou-se hoje, em viagens rápidas realzadas, quase sempre, por equipes improvisadas, desprovidas do acúmulo de conhecimentos, o que levou a FUNAI a se precipitar num acelerado descrédito, tanto aos índios, como às comunidades civilizadas. Todos veem nela, mais um organismo de controle, cerceamento e repreensão, do que propriamente um órgão responsável pelos direitos de uma raça, infelizmente em crescente declínio.

A prova mais recente da decadência da FUNAI, foram as verdadeiras críticas feitas pelos estudiosos, que participaram da Assembléia Geral da Associação Brasileira de Antropólogos, que acusaram o órgão de arbitrário e policialesco. Segundo os participantes da Assembléia, a FUNAI perdeu todas as suas funções prioritárias quanto à

política indigenista, para se transformar numa fundação geradora de empregos e conflitos entre índios e civilizados, onde só quem perde é o primeiro.

Creio que nada disso chegou aos ouvidos de nossas crianças, e em parte, com alguma razão, pois seria decepção demais para quem ainda sonha com homens fortes e felizes, donos das terras e dos rios, livres dos desafetos, das corrupções e da violência urbana. Por outro lado, é bom que por meio de doses homeopáticas, se dê início junto às crianças, um trabalho de conscientização da realidade sobre as populações indígenas, no Brasil, para que amanhã não sejamos taxados mais uma vez de falseadores da história.

Diante deste quadro chocante e sombrio, só nos resta lutar em favor de uma nova política indigenista, cuja principal característica será respeitar todos os direitos desta raça em declínio, e em franco desaparecimento, onde um dos grandes exemplos, temos aqui mesmo em Goiás. Torna-se urgente o reconhecimento de todos os seus direitos, através de um trabalho voltado as suas necessidades, onde seja respeitada suas carências, e sua dignidade como ser humano.

Álvaro Catelan é professor de Literatura Brasileira, escritor e estudioso da cultura popular.